



## A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PELO ALUNO COMO UMA DAS SITUAÇÕES DIDÁTICAS ESSENCIAIS NA FORMAÇÃO LEITORA

Louyzie Barbara da Cruz Dias<sup>1</sup>

*Eixo temático 8: Alfabetização e modos de aprender e de ensinar*

**Resumo:** O presente trabalho teve uma revisão de bibliografia, que visa apresentar conceitos pautados no assunto de formação do leitor autônomo, aplicado às práticas da leitura pelo aluno como situação didática. O objetivo do estudo reflete sobre o papel do professor no planejamento e organização das modalidades organizativas em especial ao que se referem a atividades permanentes a fim de formar comunidades de leitores autônomos nas escolas. A diferenciação das metodologias aplicadas na alfabetização e sua implicação na formação dos atuais docentes foi realizada com base em estudo bibliográfico das autoras Ferreiro e Teberosky (1991), Brakling (2012), Vilela (2006), Lerner (2002) e Bajour (2012) que resultou na utilização de projetos como a roda de leitores, comunidade de leitores e o caderno de leitura para alcançar os objetivos apresentados.

**Palavras-chaves:** Importância da Leitura pelo Aluno. Formação do Leitor Autônomo. Papel do Professor

### Introdução

A leitura tem uma longa história que remonta aos primórdios da civilização humana e mesmo assim ainda encontramos dificuldades em ler atribuindo sentido, compreender textos longos e abstratos (nos quais as informações de interesse estão profundamente interligadas), comparar, contrastar e integrar informações, refletir profundamente sobre a fonte do texto em relação ao seu conteúdo, usando critérios externos ao texto, identificar e resolver discrepâncias e conflitos intertextuais por meio de inferências sobre as fontes de informações.

Lerner (2002) salienta que ensinar a ler e escrever é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido estrito. Em outros momentos, a autora refere ainda

---

<sup>1</sup>Graduanda de Pedagogia pela UFMT. Contato: [lbcacademico@gmail.com](mailto:lbcacademico@gmail.com)

que ler é adentrar outros mundos possíveis. É questionar a realidade para compreendê-la melhor, é distanciar-se do texto e assumir uma postura crítica frente ao que de fato se diz e ao que se quer dizer, é assumir a cidadania no mundo da cultura escrita.

Uma das contribuições mais importantes de FERREIRO e TEBEROSKY, (1991) foi contribuir para o desenvolvimento da teoria construtivista da escrita, desafiando a ideia de que as crianças aprendem a ler e escrever através de uma simples transmissão de conhecimento, utilizando de métodos sintéticos<sup>2</sup>, os quais os próprios profissionais foram alfabetizados. Destacando que elas constroem ativamente seu próprio conhecimento sobre a linguagem escrita. Sua pesquisa mostrou que as crianças têm ideias prévias sobre a escrita e desenvolvem hipóteses sobre como ela funciona. Essas hipóteses podem ser influenciadas por seu conhecimento sobre a linguagem oral e por suas experiências com textos escritos. Conforme Vilela:

“A alfabetização é muito mais do que escrever alfabeticamente, é um processo de construção de sentidos no qual se aprende, pelo uso, as funções sociais da escrita, as características discursivas dos textos escritos, os gêneros utilizados para escrever e muitos outros conteúdos de diferentes áreas do conhecimento. É um processo discursivo, em que se aprende a “ouvir, a entender o outro pela leitura e aprende-se a falar, a dizer, o que se quer pela escrita (VILELA, 2006. P.14)”.

A leitura desempenha um papel fundamental na aquisição da língua escrita e na formação leitora. Por meio da leitura, os indivíduos têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, desenvolver habilidades linguísticas e críticas, além de se engajar de forma mais ativa na sociedade. Nesse contexto, conforme Lerner (2004) as situações didáticas em modalidades organizativas como Sequências Didáticas, Projetos didáticos e Atividades Permanentes planejadas articuladamente otimizam o tempo e desempenham um papel crucial, proporcionando um ambiente propício para aprimorar as competências leitoras e promover o prazer e o hábito de ler.

Segundo um estudo do Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância realizado em 2013, durante os primeiros anos da vida de uma criança, ocorre um desenvolvimento

---

<sup>2</sup> O método sintético insiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes ao todo. Os elementos mínimos da escrita são as letras. Durante muito tempo se ensinou a pronunciar as letras, estabelecendo-se as regras de sonorização da escrita no seu idioma correspondente. Os métodos alfabéticos mais tradicionais abonam tal postura.

fundamental. Vários estudos evidenciam que o cérebro evolui em uma velocidade surpreendente nesse período. É nessa fase que o cérebro tem uma necessidade extrema de estímulos, uma vez que cerca de 90% das conexões cerebrais são estabelecidas até os 6 anos de idade. Em outras palavras, as interações sociais desempenham um papel crucial no impulsionamento da atividade cerebral. Se a criança for negligenciada, muitas conexões entre os neurônios deixam de ocorrer, o que pode afetar seu potencial de aprendizado e desenvolvimento.

Tem-se por objetivo apresentar e discutir a importância de promover o desenvolvimento de comportamentos de leitores desde os primeiros anos de vida do indivíduo visto que a habilidade de leitura acarreta em benefícios tanto para o indivíduo em sua condição pessoal quanto para sua participação na vida em sociedade. Busca-se conscientizar que as dificuldades enfrentadas por alguns professores no processo de capacitação leitora de seus alunos podem ter origem no processo de aprendizado em que foi alfabetizado na infância.

### **Metodologia**

Este artigo foi desenvolvido com base em uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa descritiva no recorte temporal de 1991 a 2023 de livros publicados por especialistas na área de linguagens, alfabetização e cultura escrita, a saber: Ferreiro; Teberosky (1991), Brakling (2012), Vilela (2006), Lerner (2002) e Bajour (2012).

### **Leitor Autônomo e sua Formação Leitora**

Conforme o CEDAC (2013), as situações de leitura autônoma fazem parte de um trabalho mais amplo, voltado para a formação de leitores, em que diferentes formas de leitura são desenvolvidas na sala de aula, incluindo a leitura realizada pelo professor e a leitura pelo aluno.

Essas propostas de leitura são parte de um marco em que a aprendizagem do sistema de escrita ocorre simultaneamente à vivência de diferentes práticas de leitura, em diversos contextos, reproduzindo o modo como a leitura é realizada em situações sociais variadas. Em todas essas situações, é importante que os alunos tenham um objetivo definido, buscando uma informação específica para alcançar um propósito determinado. É essencial que o professor tenha clareza de que essas atividades visam promover avanços no conhecimento das crianças sobre o sistema alfabético de escrita. E que o contato com um modelo de leitor experiente permite que as crianças observem comportamentos que poderão reproduzir quando lerem sozinhas, o que com a prática e o desenvolvimento do hábito o tornará fluente.

Isso envolve gerar uma comunidade escolar de leitores e escritores legítimos, que para LERNER (2002, p. 17-18).

“O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para rebater outra que consideram perigosa ou injusta, desejando conhecer outros modos de vida, identificar-se com outros autores e personagens ou se diferenciar deles, viver outras aventuras, inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar novos sentidos”.

### **Leitura como situação didática<sup>3</sup>**

Observa-se ao longo dos estudos como os de LERNER, (2002) que o tempo sempre é um obstáculo quando se trata de ensinar todos os conteúdos para as crianças, e planejar é a melhor forma de otimizar tempo. Para gerar uma mudança qualitativa na utilização do tempo didático e é necessário romper com os processos lineares e cumprir com pelo menos duas condições:

“manejar com flexibilidade a duração das situações didáticas e viabilizar o retorno aos mesmos conteúdos em diferentes oportunidades, sob diferentes perspectivas. Criar essas condições exige implementar diferentes modalidades organizativas: projetos, atividades permanentes, sequências de situações e atividades independentes coexistem e se articulam ao longo do ano escolar (LERNER, 2002, p. 11)”.

Inspirando-se em Lerner (2002) e outros autores, BRAKLING (2012, p. 42) destaca três aspectos que devem ser considerados, sendo eles “o princípio de organização do currículo em espiral” onde os estudantes tenham oportunidades de se envolver com os conteúdos ao longo de diferentes etapas do processo educacional, permitindo assim uma apropriação mais efetiva; a abordagem dos conteúdos deve ser adaptada às necessidades e características individuais de cada tema, levando em consideração a sua natureza e particularidades; a seleção dos conteúdos, realizada levando em conta o tempo disponível para o ensino e as expectativas de aprendizagem estabelecidas para os alunos. Um exemplo de Situação didática é a leitura não convencional.

---

<sup>3</sup> A Teoria das Situações Didáticas foi concebida pelo educador francês Guy Brousseau e consiste em proporcionar condições favoráveis ao professor através de uma sequência didática para que, entre outras tarefas, elabore, aplique, acompanhe e realize análises. Para BROUSSEAU (2008) a sequência didática planejada e a postura do professor fazem com que o aluno desenvolva novos conhecimentos com base em experiências pessoais no processo de elaboração da cognição.

## **Ler Sem Saber Ler Convencionalmente**

A leitura não se limita apenas à decodificação das letras, mas envolve uma compreensão mais ampla dos textos e do contexto em que estão inseridos. Segundo Ferreiro e Teberosky (1991, pg 39)

“Que uma criança não saiba ainda ler, não é obstáculo para que tenha ideias bem precisas sobre as características que deve possuir um texto escrito para que permita um ato de leitura. [...] a presença das letras por si só não é condição suficiente para que algo possa ser lido; se há muitas poucas letras, ou se há um número suficiente, porém, da mesma letra repetida, tampouco se pode ler. E isso ocorre antes que a criança seja capaz de ler adequadamente os textos apresentados”.

Para ensinar que a criança pode saber ler mesmo sem saber as letras, é importante adotar uma abordagem que valorize o conhecimento prévio, as hipóteses e as experiências da criança com a linguagem escrita, valorizar o sujeito que não espera que as coisas cheguem pronta até ele, mas ele próprio, de maneira ativa, busca compreender o mundo que o cerca, o próprio sujeito cria suas hipóteses, organiza o seu mundo. Como as próprias autoras dizem: “o sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1991, p.29).

Consiste na leitura de textos conhecidos de cor, como parlendas, adivinhas, quadrinhas, poemas, canções ou histórias familiares. Incentivar a criança a participar da leitura, antecipando palavras ou completando frases. Incentivar a criança a acompanhar a leitura com o dedo ou a fazer pausas para completar palavras ou frases conhecidas. Outra atividade fundamental é o Caderno de Leitura, muito utilizado na Residência Pedagógica do curso de Pedagogia na UFMT pelas residentes que contém diversos textos que a criança saiba de memória e o aluno pode ler.

De acordo com o CEDAC (2013), assim como nas outras atividades permanentes, esta requer algumas etapas necessárias: 1° Antes da aula começar: a decisão do professor; 2° Explicação da Proposta; 3° Levantamento oral do que pode estar escrito; 4° Antecipar o que pode estar escrito e confirmar o que foi lido e 5° Retomar coletivamente o que foi lido

- Antes da aula começar: a decisão do professor de selecionar textos que os alunos possuam informações prévias tanto sobre o tema quanto sobre o gênero textual, sua função e características. Textos com uma organização simples e não extensos, como listas, legendas, títulos e índices, são recomendados para essas situações. Definir que tipo de desafio será proposto, levando em consideração o nível de dificuldade

adequado para cada aluno. Algumas crianças podem ser desafiadas a ler o que está escrito em um trecho específico, enquanto outras podem buscar onde está escrita determinada informação. Identificar, entre duas possibilidades, qual é qual, sem mostrar o conteúdo de cada trecho. Propor que os alunos se organizem em pequenos grupos, como duplas ou quartetos, para trocar informações, confrontar hipóteses de leitura e discutir o texto.

- Explicação da Proposta: o professor deve explicar claramente aos alunos o que eles devem realizar antes de iniciar a leitura, fornecer o máximo de informações possíveis sobre o tema abordado no texto, lhes permitindo antecipar com maior precisão o que pode estar escrito no texto. Se necessário, indicar aos alunos para se atentar aos elementos contextuais não verbais, como imagens ou a diagramação do texto, que podem ajudar na compreensão. Exemplo de atividade: Localizar palavras em uma lista, encontrar informações específicas no texto ou identificar em qual trecho está escrita cada palavra.
- Levantamento oral do que pode estar escrito: Isso é feito por meio de discussões e perguntas em sala de aula, permitindo que os alunos compartilhem suas ideias e previsões. Não é uma simples adivinhação, mas sim o uso dos conhecimentos prévios sobre letras, sons e palavras para antecipar o conteúdo escrito. Os alunos também utilizam pistas visuais e outros indícios nas palavras para confirmar suas suposições. Essa abordagem se assemelha à forma como leitores experientes lidam com qualquer texto, rompendo com a ideia de que a leitura é apenas decodificação letra por letra para atribuir significado às palavras. Exemplos de atividade: Lista de frutas (os alunos sugerem os nomes das frutas que esperam encontrar)
- Antecipar o que pode estar escrito e confirmar o que foi lido: Ao propor a leitura para crianças, é sugerido que elas façam antecipações e verificações, em vez de se concentrarem na decodificação letra por letra, que é impraticável e limitada. O professor desempenha um papel ativo ao estimular os alunos a utilizar seu conhecimento, fazer perguntas e orientá-los para a leitura como leitores experientes.
- Retomar coletivamente o que foi lido: Isso permite que o professor promova a socialização das estratégias utilizadas pelos alunos, especialmente aquelas relacionadas ao uso das letras como pistas para identificar palavras. Essa troca de conhecimentos sobre o sistema de escrita contribui para o aprendizado das crianças.

Algumas estratégias que podem ser utilizadas para que a criança leia sem ser convencionalmente é a exploração de imagens, utilizar livros ilustrados e estimular a criança a contar histórias com base nas imagens. Considerando que a criança não alfabética

convencional associa inevitavelmente o texto à imagem, isso desenvolve a capacidade de compreensão narrativa e a construção de sentido a partir das imagens, mesmo antes da leitura das palavras. Pode-se estimular o interesse pela leitura criando um ambiente rico em livros e materiais de leitura, e incentivando a criança a explorá-los livremente. Mostrar o entusiasmo do professor pela leitura, como modelo de leitor que indica livros e ler para a criança regularmente sempre acompanhada de uma conversa sobre o livro em uma Roda de Leitores, não para saber o que entendeu nem pra fazer atividades sobre a história, mas pela apreciação e prazer de conversar sobre o texto lido. Isso cria um vínculo positivo com a leitura e o interesse partindo da própria criança.

### **Resultados e Discussão**

Não podemos continuar replicando o método que fomos alfabetizados, em sua maioria objetivando a decodificação. Muitos estudiosos compreendem este fato e têm discutido sobre o que caracteriza a leitura e alfabetização, na perspectiva de VILELA (2006, p.14) articulada às contribuições de SMOLKA (1993), o conceito de alfabetização transcende a mera aquisição de técnicas de codificação e decodificação, deixando de ser apenas um período de aprendizagens essenciais para ler e escrever e não deve ser vista dessa forma.

O desafio que a escola enfrenta hoje é o de incorporar todos os alunos à cultura do escrito, é o de conseguir que todos seus ex alunos cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores (LERNER, 2002. P.17).

Apesar do objetivo dessa situação didática leitura pelo aluno envolver a leitura autônoma, o papel do professor é essencial nesse caminho, ele deve ter em mente o propósito didático de desenvolver comportamentos de leitores nos alunos, como considerar a letra inicial para localizar rapidamente um item em uma lista, buscar diferenças entre palavras semelhantes que começam com a mesma letra, entre outros.

A leitura deve ser uma atividade contínua no ambiente escolar e precisa ser abordada de maneira mais significativa. É por meio da construção de significados que o aluno se aproxima do objeto de ensino e, gradativamente, se constitui como um leitor ativo. Por outro lado, o professor deve buscar meios para suprir as lacunas deixadas em seu próprio processo de aprendizado do alfabeto no que se refere à leitura. Para que o aluno tenha as condições e oportunidades necessárias para se tornar um leitor proficiente e crítico, é imprescindível que o professor também seja um leitor.

### **Considerações Finais**

Ensinar a ler e escrever é um desafio complexo que requer o envolvimento de toda a escola. É fundamental que os alunos sejam incorporados à cultura da escrita, desenvolvendo

habilidades e práticas que os tornem membros ativos e plenos da comunidade de leitores e escritores. Isso exige estratégias pedagógicas eficientes, situações didáticas bem planejadas que otimizem o tempo e promovam o desenvolvimento das habilidades leitoras.

O principal objetivo da escola deve ser fornecer base sólida para o desenvolvimento intelectual e o sucesso acadêmico e pessoal de seus alunos.

Além disso, é importante que os professores busquem suprir as lacunas deixadas em seu próprio processo de aprendizado da leitura. Para que os alunos se tornem leitores proficientes e críticos, é imprescindível que o professor também seja um leitor.

### **Referências**

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas Entrelinhas**. O valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2020

BRAKLING, Kátia Lomba. **Sobre a leitura e a formação de leitores**. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004.

BROUSSEAU, G. **Introdução ao estudo das situações didáticas**: conteúdos e métodos de ensino. São Paulo: Ática, 2008.

CEDAC. Comunidade Educativa. **Situações Didáticas**. Formação de Professores - Ciclo 1. 2013 Disponível em: <https://pt.slideshare.net/josivaldopassos/situaes-didticas>

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA (2014). *Estudo n. 1*: o impacto do desenvolvimento na primeira infância sobre a aprendizagem. Disponível em: <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/biblioteca/o-impacto-do-desenvolvimento-na-pi-sobre-a-aprendizagem/>

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 5. ed. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1991.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VILELA, Ana Lúcia Nunes da Cunha. **(Re)Construindo o trabalho do professor alfabetizador**: uma proposta de intervenção. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista. Marília/São Paulo: UNESP, 2006.